

Infraestrutura

Histórico déficit na armazenagem é oportunidade para indústria de Panambi

Capital brasileira do pós-colheita fica na Região Noroeste do Estado

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Diante de grandes painéis, em uma espécie de sala de controle, 16% de toda a capacidade estática de armazenamento do agro brasileiro é monitorada, literalmente, por dentro de 6 mil silos, galpões e armazéns conectados à Kepler Weber. A empresa gaúcha de Panambi, líder no Brasil e na América do Sul em estruturas pós-colheita, comprou a catarinense Procer, e passou a operar este sistema.

“São sensores que monitoram o grão dentro do silo e enviam dados em tempo real para a central de controle. É mais uma ferramenta que garante precisão ao produtor no momento de negociar ou conservar o produto. Faz parte da evolução que temos promovido como forma de nos adaptarmos a um ambiente de transformações climáticas. O investimento no pós-colheita é fundamental”, diz o diretor industrial e de produto da Kepler Weber, Fabiano Schneider.

Segundo ele, acontece hoje uma remodelagem nas estruturas de armazenagem

de grãos. Toda linha da empresa é resistente, por exemplo, a ventos de até 144 km/h. A Kepler Weber liderou ainda um movimento no País para a normatização dos silos de acordo com as condições de clima e infraestrutura brasileiros, que até 2022 não existia. Com isso, os materiais de revestimento interno e externo dos silos hoje consideram intempéries como as vividas em maio no Rio Grande do Sul, ou secas com temperaturas extremas.

Não é surpresa que a inovação nos passos seguintes à safra surjam a partir de Panambi. A estimativa é de que, a cada 10 grãos processados em todo o Brasil, seis passam por algum tipo de equipamento produzido na cidade ou em Condor, que fica a menos de 15 quilômetros. São o núcleo não apenas do polo pós-colheita gaúcho, mas da terceira maior concentração da indústria metalmeccânica no País.

E há espaço para crescer. Dados da Conab apontam que hoje o Brasil tem capacidade de armazenagem de 205,8 milhões de toneladas, um déficit estimado em 100 milhões de toneladas. Somente da Região Sul, o volume deficitário chega a 18,8 milhões de toneladas.

“O papel do pós-colheita é fundamental para a segurança alimentar. No Rio Grande do



KEPLER WEBER/DIVULGAÇÃO/JC

Kepler Weber está conectada a 16% de toda a capacidade estática de armazenamento do agro no Brasil

Sul, temos percebido que, especialmente entre as cooperativas, a armazenagem tem ocupado um papel cada vez mais importante nas prioridades de investimentos. E há ainda um novo nicho, com as indústrias de biocombustíveis. Em todo o País, hoje são 22 indústrias produtoras de etanol, e há outras 13 em construção”, aponta o executivo.

No Rio Grande do Sul, a Kepler Weber tem tratado com os responsáveis pelos projetos das duas novas usinas de etanol prestes a serem erguidas. Depois de um aporte finalizado ano passado, superior

a R\$ 70 milhões, na implantação de uma nova linha de pintura que provocou redução de emissões e economia de energia elétrica na produção de silos em sua fábrica em Panambi, neste ano, somente no primeiro trimestre, a empresa já desembolsou R\$ 7,8 milhões em modernização de processos.

Em maio, o Banco Mundial aprovou financiamento de R\$ 150 milhões para as modernizações previstas nas duas plantas industriais da empresa, em Panambi e em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul.

Polo metalmeccânico da Região Norte do Rio Grande do Sul

- ▶ Bruning Tecnometal (Panambi)
- ▶ Kepler Weber (Panambi)
- ▶ Metasa (Marau)
- ▶ Brastelha (Erechim)
- ▶ Plaxmetal (Erechim)
- ▶ Cavaletti (Erechim)
- ▶ Comil (Erechim)
- ▶ Metalúrgica Marini (Passo Fundo)
- ▶ Montagner Industrial (Ijuí)
- ▶ Fundimisa (Santo Ângelo)

De orgânicos à amônia verde, rota dos novos fertilizantes passa pelo Norte do RS

Há 40 anos atuando no mercado cerealista, a empresa Agrodanieli, de Tapejara, vive uma transformação. De um lado, investe para quase triplicar a sua capacidade de processamento de soja, das atuais 600 toneladas por dia para até 1,6 mil toneladas. Produto que vira óleo e farelo de soja para a exportação e o abastecimento de indústrias de biodiesel.

Mas as atenções do diretor-presidente da empresa, Adelírio Danieli, e a maior parte dos R\$ 240 milhões a serem desembolsados na região Nordeste do Estado até o segundo semestre de 2025, estão

voltados ao resultado de uma pesquisa que abriu os horizontes da Agrodanieli e criou uma alternativa para a agricultura da região, historicamente dependente da compra de fertilizantes de outras regiões do Estado, do país ou importados.

Depois de vender o seu frigorífico, a fábrica de subprodutos, o aviário e a fábrica de rações para a Aurora Coop, em 2021, Danieli apostou suas fichas no desenvolvimento de um fertilizante organo-mineral próprio. “Desenvolvemos um adubo que une as qualidades dos adubos minerais e a potencialização garantida pelo elemento orgânico, a

partir dos dejetos de frango. Temos pesquisas e os primeiros resultados nas lavouras mostram que a produtividade aumenta, assim como a fertilização do solo. E o custo é mais baixo do que um fertilizante mineral comum”, explica Adelírio Danieli.

As pesquisas para chegar

Os novos produtores de fertilizantes no Norte do RS

- ▶ Agrodanieli (Tapejara)
- ▶ BeGreen (Passo Fundo, Tio Hugo)

ao fertilizante foram iniciadas na empresa há cinco anos, antes da mudança promovida em 2021. Atualmente a Agrodanieli trabalha na transformação da sua antiga unidade de recebimento de grãos, na localidade de Vila Lângaro, em uma fábrica maior para o adubo, com a compra de maquinário mais moderno e que garanta o aumento da produção.

No começo de julho, outro caminho para a produção de fertilizantes na região ganhou fôlego com o anúncio confirmado ao governador pela empresa BeGreen Bioenergia de que pretende investir em três plantas industriais para

a produção de fertilizantes hidrogenados a partir de amônia verde, obtida com a reação de hidrogênio e nitrogênio verdes, duas delas na região _ em Passo Fundo e Tio Hugo. Atualmente, toda a carga de fertilizantes hidrogenados consumida no Estado é importada.

Os empreendimentos serão a continuidade de um projeto iniciado no ano passado, com investimento de R\$ 140 milhões, para a criação de uma usina modelo em conjunto com a UPF, para a síntese de amônia verde. A perspectiva, em 2023, era de que a usina estivesse operacional em 2026.